

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE ARTES VISUAIS

FELIPE TUON TONETTO

MEU OLHAR, O COTIDIANO E A ARTE

CRICIÚMA

2018

FELIPE TUON TONETTO

MEU OLHAR, O COTIDIANO E A ARTE

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Bacharel no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof. Ma. Édina Regina Baumer

CRICIÚMA

2018

FELIPE TUON TONETTO

MEU OLHAR, O COTIDIANO E A ARTE

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Bacharel no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Processos e Poéticas: linguagens.

Criciúma, 19 de junho de 2018. (data da defesa)

BANCA EXAMINADORA

Prof. Édina Regina Baumer - Mestre - (UNESC) - Orientadora

Prof. Isabel Cristina M. Duarte - Mestre - (UNESC)

Prof. Silemar Maria de Medeiros da Silva - Mestre - (UNESC)

Dedico este trabalho à minha família que sempre me apoiou.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao curso que sempre me apoiou, nos momentos mais complicados, me incentivando e dando suporte para o esclarecimento de dúvidas. Agradeço a todo o corpo de professores, porque, na realidade, este trabalho foi construído com um pouco das ideias de cada um.

Agradeço à família, que foi a base para o meu desenvolvimento, não só na Universidade mas ao longo da vida.

Agradeço à professora orientadora Édina Regina Baumer, que sempre esteve disposta nos momentos de dúvidas e incertezas.

“Vou-me embora pra Pasárgada
Aqui eu não sou feliz.”

(Manuel Bandeira)

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso traz um relato da minha experiência ao fazer um curso de Artes Visuais, mesmo com deficiência visual, e, conseqüentemente, realizar produções artísticas nessa linguagem. O objetivo geral da pesquisa foi investigar como a criação artística pode contribuir para a superação de algumas dificuldades da pessoa com deficiência visual; e os objetivos específicos foram estudar alguns artistas que revelam o seu cotidiano em suas produções de arte; analisar as possibilidades de superação das minhas dificuldades pessoais a partir do contato com a arte; elaborar diversos estudos de arte, relacionados ao meu cotidiano. O problema estabelecido foi: o estudo da arte pode contribuir para a superação de algumas dificuldades da pessoa com deficiência visual? E junto com ele, outras perguntas se formaram: como a deficiência visual me motiva para a potência de criar outros mundos pela criação artística? Quais as possibilidades de minha produção artística me levar para outra realidade? Até que ponto é importante a relação pessoal do artista com o seu cotidiano, para as suas produções? Escolhi como metodologia para este estudo, a pesquisa qualitativa, por meio da investigação sobre o trabalho de alguns artistas como Basquiat, Vik Muniz, Fran Fávoro e Edi Balod que me fizeram pensar em retratar o meu cotidiano rural. Desenvolvi também um pequeno estudo sobre o que dizem alguns teóricos da arte sobre o processo de criação, como Salles (2014), Ostrower (1999) e Meira (2007). Descobri que cada um pode desenvolver uma forma de se expressar com diversos recursos e técnicas. Assim, me senti encorajado a produzir da minha forma, a partir do lugar em que vivo, o meu cotidiano. Ao trazer a cidade de Turvo, Santa Catarina, para este trabalho, passei a valorizar mais o que ela já tem, com a consciência de que seu potencial pode e deve ser melhor explorado. Concluindo posso dizer que minha produção para esta pesquisa, esteve carregada de lembranças, sentimentos e relações familiares: a ida para o sítio do avô com o meu pai, o apoio da minha mãe na hora da produção, os elementos do sítio, as recordações de infância, o rio, ou seja, elementos do meu cotidiano se transformaram na minha arte, que foi realizada com a deficiência visual.

Palavras-chave: Processo de criação. Deficiência visual. Cotidiano. Arte.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	07
2 A ARTE E O COTIDIANO DO ARTISTA	09
2.1 BASQUIAT	09
2.2 VIK MUNIZ	11
2.3 FRAN FÁVERO.....	13
2.4 EDI BALOD.....	14
3 MEU OLHAR SOBRE O MEU COTIDIANO	17
3.1 MEU COTIDIANO E A ARTE	25
4 PRODUZINDO PARA O TCC: PAISAGEM	29
5 CONCLUSÃO	33
REFERÊNCIAS.....	34

1 INTRODUÇÃO

Durante a disciplina de Projeto de Pesquisa em Arte, na sétima fase do Curso de Artes Visuais, me senti motivado para falar do meu cotidiano, refletindo sobre o fato de eu não gostar do lugar em que vivo e pensando em relacionar minhas produções em pintura com o artista Basquiat. Na época eu falava da minha vontade de sair do espaço onde moro – um sítio localizado na comunidade de Turvo baixo turvo - SC e também da minha limitação no campo da visão. Essa ideia foi dada pela professora de Pintura e Pesquisa, no mesmo semestre em que eu preparava o projeto de pesquisa, quando, durante um exercício de pintura, elaborei uma tela e não gostei do resultado. A partir dessa pintura comecei a fazer alguns testes com tinta óleo, carvão, guache e no final do processo eu fiz um catálogo de revista em quadrinhos, que teve intervenção nas imagens desse lugar.

Percebi então que era possível que a arte falasse de mim, que tem parte de mim na minha trajetória, representando meu espaço e minhas vivências. Nesse sentido me chamam a atenção as obras de Basquiat e suas formas de desenhar, que considero como semelhantes ao meu processo, com cores e traços fortes como os meus. O terreno íngreme e o tipo de trabalho no sítio sempre foram obstáculos para mim, que tenho baixa visão, e o contato com o curso de Artes Visuais – Bacharelado, da UNESC, me permitiu enxergar as possibilidades que a arte traz para nossa expressão como artistas.

Dessa forma elaborei o problema desta pesquisa: **o estudo da arte pode contribuir para a superação de algumas dificuldades da pessoa com deficiência visual?** Junto com esse problema, outras perguntas se formaram: como a deficiência visual me motiva para a potência de criar outros mundos pela criação artística? Quais as possibilidades de minha produção artística me levar para outra realidade? Até que ponto é importante a relação pessoal do artista com o seu cotidiano, para as suas produções?

Escolhi como metodologia para este estudo, falar sobre minha história de vida, que faz parte das pesquisas qualitativas “por um compromisso com a história como processo de lembrar, com o qual a vida vai sendo revisitada pelo sujeito” (SILVA et al, 2007, p. 27). Por meio da investigação sobre o trabalho de alguns artistas como Basquiat, pensei em retratar o meu cotidiano rural considerando que “o

conhecimento de determinada ação só vai, então, fazer sentido se entendido dentro de seu contexto, na realidade em que é experimentada (SILVA et al, 2007, p. 30). Desenvolvi também um pequeno estudo sobre outros artistas – além do Basquiat – que também se inspiraram em seus cotidianos para produzir artisticamente. São eles: Vik Muniz, Fran Fávero e Edi Balod.

O objetivo geral da pesquisa foi investigar como a criação artística pode contribuir para a superação de algumas dificuldades da pessoa com deficiência visual; e os objetivos específicos foram estudar alguns artistas que revelam o seu cotidiano em suas produções de arte; analisar as possibilidades de superação das minhas dificuldades pessoais a partir do contato com a arte; elaborar diversos estudos de arte, relacionados ao meu cotidiano.

Início a escrita trazendo algumas considerações sobre os artistas que escolhi para este trabalho de conclusão de curso: Basquiat, Vik Muniz, Fran Favero e Edi Balod; em seguida descrevo a cidade onde moro, o meu cotidiano, destacando seus aspectos culturais; no quarto capítulo apresento o(s) meu(s) processo(s) de produção artística, relacionando-os com alguns teóricos que estudam a criação em arte, como Salles (2014), Ostrower (1999) e Meira (2007); por fim apresento a produção artística que elaborei para este trabalho de conclusão de curso e faço as conclusões.

2 A ARTE E O COTIDIANO DOS ARTISTAS

Neste capítulo apresento um breve estudo sobre quatro artistas selecionados pelas relações entre o seu cotidiano e sua produção de arte: Jean-Michel Basquiat, Vik Muniz, Fran Fávoro e Edi Balod.

2.1 BASQUIAT

Jean-Michel Basquiat nasceu em 22 dezembro de 1960 na cidade de Nova Iorque e faleceu no ano de 1988, com apenas 27 anos. Tinha ascendência porto-riquenha por parte de mãe e haitiana por parte de pai. Desde cedo ele mostrou talento para arte e foi influenciado pela mãe a desenhar, pintar e relacionar tudo com a arte. Em 1977, abalado pelo divórcio de seus pais, Basquiat foge diversas vezes de casa e vai estudar em uma escola de crianças dotadas onde conhece um amigo – Al Diaz – com quem começa a fazer grafite nos prédios abandonados, em Manhattan, com assinatura SAMO (Same Old Shit) que já revela sua crítica ao colonialismo.

Muitos artistas descrevem a criação como um percurso do caos ao cosmos. Um acúmulo de ideias, planos e possibilidades que vão sendo selecionados e combinados. As combinações são, por sua vez, testadas e assim opções são feitas e um objeto com organização própria vai surgindo. O objeto artístico é construído deste anseio por uma forma de organização. (SALLES, 2014, p. 41).

Certamente sua vida na cidade grande, numa época em que os negros ainda sofriam (e sofrem) o preconceito racial, o influenciou nas suas produções, no seu desejo de apoiar a classe bem como, fazer-nos refletir sobre a riqueza e a pobreza, a integração e a rejeição. (MOVIMENTOS ARTÍSTICOS CONTEMPORÂNEOS, s/d).

Além de pintor e grafiteiro, Basquiat também foi poeta e músico.

A arte de Basquiat utilizou uma rica fusão artística, poesia, desenho e pintura, ainda misturando texto e imagem, abstração e figuração, e informação histórica junta com a crítica contemporânea. (MOVIMENTOS ARTÍSTICOS CONTEMPORÂNEOS, s/d, p. 9)

No ano de 1978, Basquiat saiu da escola, foi morar com amigos e vivia da venda de quadros. Ficou famoso por aparecer em programas de TV e numa

exposição no The Times Square Show, junto com outros artistas, como Andy Warhol.

Jean-Michel Basquiat foi um artista negro no mundo das artes e ele se apropriava de qualquer elemento para usar como tela; tudo que ele encontrasse na rua poderia ser uma possibilidade; sua carreira ficou marcada como mensagem sugestiva, que mistura texto e imagem; começou com o grafite.

Imagem 1 – Gleen



Colagem acrílica, oilstick e xerox na lona 100 x 114 in. (254 x 289,5 cm). 1985.

Fonte: www.google.com.br

A partir dessa imagem, tentei retratar também um rosto, na linguagem da pintura, seguindo a figura do rosto acima, onde vejo um certo exagero nas tintas.

O artista não é, sob esse ponto de vista, um ser isolado, mas alguém inserido e afetado pelo seu tempo e seus contemporâneos. O tempo e o espaço do objeto em criação são únicos e singulares e surgem de características que o artista vai lhe oferecendo, porém se alimentam do tempo e espaço que envolve sua produção. (SALLES, 2014, p. 45).

Imagem 2 – Sem título



Sketchbook. Aquarela sobre papel canson. 2016.
 Fonte: acervo do pesquisador

Este é um exemplo dos muitos momentos, no decorrer do curso, que refleti sobre minha opinião que o meu estilo de pintura não está coerente com o que a sociedade valoriza ou considera correto na área da arte visual. Também pude aprender que

[...] o processo de criação envolve contextos e condições de trabalho, ação dentro de uma comunidade afetiva. Para contextualizá-lo, é preciso perceber como se tramam as ideias com as imagens e com os aspectos gestuais, muitas vezes não percebidos como processo de conhecimento. (MEIRA, 2007, p. 34).

Em diversas disciplinas do curso, vi que alguns artistas considerados normais fisicamente também produziam esse tipo de arte e os professores nos relatavam vários outros exemplos e situações da produção de arte.

2.2 VIK MUNIZ

Com o nome completo de Vicente Jose de Oliveira Muniz, nasceu em 20 de dezembro de 1961, na cidade de São Paulo, filho de pernambucanos. Com a idade de 23 anos mudou-se para Nova Iorque, para residir e trabalhar.

Antes disso, estudou na Fundação Armando Alvares Penteado (FAAP), em São Paulo, onde cursou Publicidade e Propaganda, desenvolvendo as habilidades

de pintor, curador, desenhista, gravador e fotógrafo. Fico conhecido por fazer de material reciclado como restos de demolição e açúcar e chocolate em uns do seus quadro chamado Sigmund Freud. Em outro trabalho usou de calda de ameixa e um pouco de caqui, pedras para criar uma imagem de sua série chamada Sugar Children (Crianças do Açúcar). Para essa produção, Muniz foi até uma plantação de cana de açúcar fotografar os trabalhadores e seus filhos, em St. Kitts. Logo depois ele voltou para Nova York, comprou papel marrom, espelhando nos vários tipos de açúcar copiou os instantâneos dos corpos das crianças e isto gerou polemica que foi resolvida dois anos depois e a obra foi vendida por preço mais baixo.

Após um breve período ligado à escultura, ele passa a dedicar-se ao desenho e depois trabalha com séries de fotografias, na maioria das vezes reproduções de obras de arte reconhecidas.

A técnica apresentada por Vik Muniz é a recriação de imagens, que há princípio são criadas usando os materiais inusitados como açúcar, chocolate líquido, doce de leite, catchup, gel para cabelo, lixo, entre outros. Vik Muniz, então, fotografa essas criações tornando-as imagens que são expostas ao público para apreciação. Foi assim que o artista, fazendo a fusão entre o desenho a fotografia passou a se inserir no cenário internacional como um artista plástico contemporâneo. (BRAGA; BRAGA, 2016, p. 9).

A série realizada com chocolate líquido traz a obra 'A Descida da Cruz', de Caravaggio (1571-1610), ou a foto de Hans Namuth (1917-1990) que mostra o artista Jackson Pollock (1912-1956) pintando. As imagens produzidas com contagotas, foram fotografadas e destruídas depois.

Na série 'Pictures of Magazines' ele expõe retratos de personalidades brasileiras, como Pelé e Luis Inácio Lula da Silva mas também de um anônimo vendedor de flores, o que confirma que "[...] o que alimenta o imaginário do artista é o que está e acontece a sua volta: os movimentos políticos, religiosos, sociais. Todo artista aproveita desses acontecimentos e processam as suas criações.". (BRAGA; BRAGA, 2016, p. 4).

Muniz trabalha realizando a decomposição e a recomposição da imagem fotográfica: escolhe a reunião de pequenos fragmentos de páginas impressas que, sobrepostos como um mosaico, faz surgir os rostos dos personagens.¹

¹ Disponível em: (<http://enciclopedia.itaucultural.org.br>).

Imagem 3 - Obra que faz parte da abertura de 'Passione' – novela da TV Globo



Fonte: <http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2010/05>

Todo o seu processo de criação pode ser reconhecido no que Salles (2014, p. 34) aponta:

Ao lidar com o transitório, o olhar tem de se adaptar às formas provisórias, aos enfrentamentos de erros, às correções e aos ajustes. De uma maneira bem geral, poderia se dizer que o movimento criativo é a convivência de mundos possíveis. O artista vai levantando hipóteses e testando as permanentemente. Como consequência, há, em muitos momentos, diferentes possibilidades de obra habitando o mesmo teto. Convive-se com possíveis obras: criações em permanente processo.

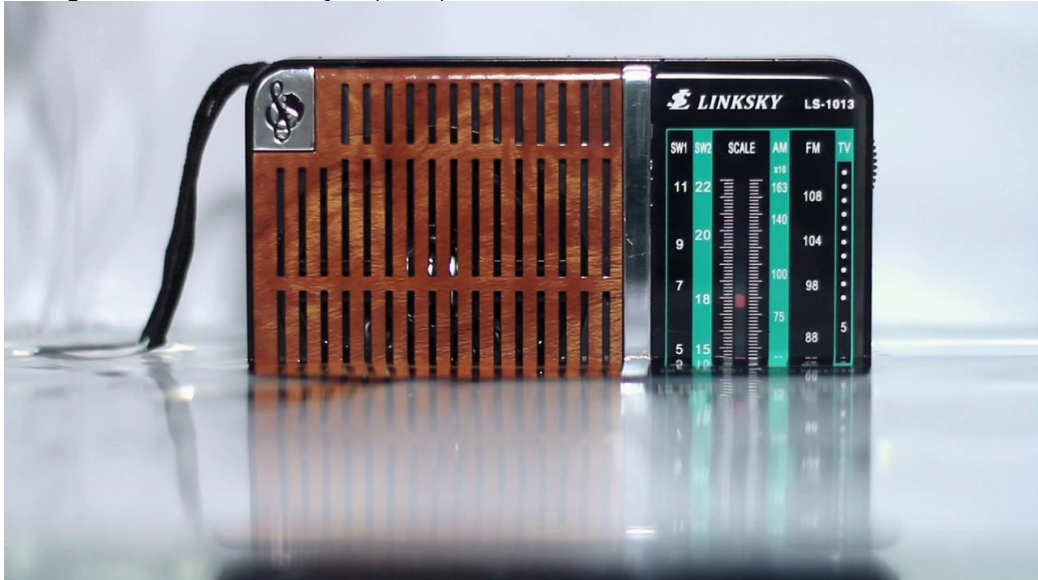
De acordo com Braga e Braga (2016), Vik Muniz não era um artista pronto e sua técnica não surgiu do acaso. Assim como tantos artistas na história, sofreu influência de outros anteriores e uma dessas influências veio de Andy Warhol (1928 – 1987), artista americano que nos anos de 1960 esteve inserido no movimento da Pop Art.

2.3 FRAN FAVERO

É uma artista visual, mora e trabalha em Florianópolis. Nasceu e cresceu na fronteira entre Brasil e Argentina e atualmente é mestranda em Artes Visuais pela UDESC onde foi graduada Bacharel em Artes Visuais. Sua especialidade – a paisagem e a fronteira – move seus trabalhos que se inserem no campo dos

multimeios, usando a fotografia, o vídeo e os sons. Ao apreciar sua produção vemos que ela é uma artista que, conforme explica Salles (2014, p. 35) pode transformar “cores transformadas em sons, cotidiano em fatos ficcionais, poemas em coreografias ou imagens plásticas.”.

Imagem 4 –Vídeo Inundação (2015)



Fonte: <http://franfavero.tumblr.com>

Tive vontade de falar dessa artista por ter conhecido o trabalho dela quando Fran Favero expos na Sala Edi Balod, uma sala de exposições da UNESCO, no ano de 2017. Salles (2014, p. 35) ainda diz que “o produto desse processo é uma realidade nova que é, permanentemente, experienciada e avaliada pelo artista, e um dia será por seus receptores.”.

Foi o que senti que estávamos fazendo quando a professora Daniele Zacarão Pereira, na disciplina de *Atelier de Interlocações Poéticas*, levou a turma para uma conversa com a artista.²

2.4 EDI BALOD

Edi Balod é artista e ex-professor do curso de Artes Visuais da UNESCO Criciúma onde atuou por 27 anos. Atualmente continua morando em Criciúma e ainda trabalha como artista no seu atelier ‘Casa Arte Ana Frida Antiques’. Esse

² Disponível em: (<http://www.unesc.net/porta1/blog/ver/213/39808>)

espaço de arte foi transformado pelo artista há pouco tempo, mas a casa existe desde 1960 e era da sua mãe. Para homenageá-lo colocaram o seu nome na sala do laboratório de exposição de Artes Visuais – Sala Edi Balod – como forma de reconhecimento do seu trabalho na universidade. Foi organizada uma exposição com alguns dos seus trabalhos nesse espaço que leva seu nome.

Imagem 5 – O artista falando do seu trabalho na Sala Edi Balod



Fonte: <https://www.google.com.br/>

Recentemente Edi foi convidado pelo artista César Pereira, de Araranguá a participar, com a expressão de suas artes através de partes de objetos e elementos extraídos do cenário regional; a exposição aconteceu no Museu de História de Araranguá.

A obra de arte carrega as marcas singulares do projeto poético que a direciona, mas também faz parte da grande cadeia que é a arte. Assim, o projeto de cada artista insere-se na frisa do tempo da arte, da ciência e da sociedade. Ao discutir o projeto poético vimos como este ambiente afeta o artista e, aqui, estamos observando o artista inserindo-se e afetando esse contexto. É o diálogo de uma obra com a tradição, com o presente e com o futuro. A cadeia artística trata da relação entre gerações e nações: uma obra comunicando-se com seus antepassados e futuros descendentes. (SALLES, 2014, p. 49).

O artista em sua fala disse: “Procurei construir objetos simples, mas que apresentasse uma multiplicidade de significados, suscitando algum tipo de lembrança ou reflexão sobre a história, costumes e o cotidiano das pessoas.”³

³ Disponível em: (<http://www.revistasulfashion.com.br>).

Imagem 6 – O artista falando sobre o seu trabalho



Fonte: <https://www.google.com.br/>

Em outra entrevista, o artista fala que sua inspiração vem do que acontece na cidade, na vivência e suas caminhadas, daí tenta traduzir para tela mas tem uma paixão pela ferrovia.⁴

Esse projeto estético, de caráter individual, está localizado em um espaço e um tempo que inevitavelmente afetam o artista. [...]. Anotações de leituras de livros e jornais e observações sobre espetáculos assistidos ou exposições visitadas são exemplos dessa relação do artista com o mundo que o rodeia. São registros da inevitável imersão do artista no mundo que o envolve. Por meio dessas formas de retenção de dados, conhecemos, entre outras coisas, as questões que o preocupam e suas preferências estéticas. (SALLES, 2014, p. 49).

Edi Balod deu uma entrevista para o curso de jornalismo da SATC⁵ onde fala que seus ancestrais tinham ligação com a arte mas o seu primeiro emprego foi num banco. Como o próprio artista diz: *resolvi acabar com tudo* e foi viajar (ele não diz para onde). Depois volta e estuda comunicação e resolve se dedicar a arte. Ele iniciou com a técnica de entalho em madeira.⁶

⁴Cultura Contada

Publicado em 11 de set de 2014. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=-ge-IMJID_E

⁵ SATC: Associação Beneficente da Indústria Carbonífera de Santa Catarina

⁶ Eraldo Ferreira. Publicado em seis de julho de 2015. Curso de Jornalismo da SATC. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dPmMTqa7uzE>

3 MEU OLHAR SOBRE O COTIDIANO

Desde o ano 2012 sou aluno do Curso de Artes Visuais Bacharelado da UNESC, na cidade de Criciúma. Moro na cidade de Turvo, no mesmo estado (de Santa Catarina) e viajo noventa quilômetros todos os dias para ir e vir para a universidade.

Turvo é uma cidade economicamente agrícola; a sua principal atividade é o arroz mas tem outras atividades agrícolas com criação de aves, plantação de fumo e milho. Pertence a micro região do vale do Araranguá no extremo sul de Santa Catarina. O município é colonizado por imigrantes italianos. No início do século passado os imigrantes Marcos Rovaris e Martinho Guizzo chegaram na comunidade de Turvo baixo onde foi construída uma réplica do monumento que comemora os 100 anos de colonização feita pelo artista Gil Galante. O monumento original está na praça, no centro da cidade. Turvo ainda conta com belezas naturais como morros, rios, quedas d'água e recantos de matas nativas.

Imagem 7: Morro das Três Marias



Fonte: https://www.cprm.gov.br/publique/media/gestao_territorial/geoparques/canions/tresmarias.

Imagem 8: Morro Pelado



Fonte: <https://www.cprm.gov.br/publique>

Na área da cultura Turvo criou no ano de 1984, o Conselho, que organizou um projeto para a implantação do Centro Municipal de Cultura em Turvo com o seguinte objetivo: “criar uma instituição que incentive, valorize, perpetue e difunda a cultura local, regional e nacional entre a população, contribuindo para formação geral e educacional.”.⁷

Depois de formar o conselho de cultura foram em busca de um espaço para cultura, luxuoso, composto por sótão, banheiros e seis peças destinadas: a residência do Sr. Antônio Bez Batti. A casa foi tombada como Patrimônio Histórico do Município amparado pela Lei Municipal nº 607/84 de 29 de novembro de 1984 e desde então foi realizada a sua restauração que durou um ano. Neste período, por meio de doações, deu-se início à coleta de objetos antigos que continua até hoje.

⁷ Disponível em: (turvo.sc.gov.br).

Imagem 9 - Centro Municipal de Cultura Antônio Bez Batti/ Museu Histórico Lourenço Manenti



Fonte: <http://turvo.sc.gov.br/turismo/>

Também nesse espaço já se realizaram algumas exposições de artesanato mas a diretora da casa da cultura gostaria fazer mais atividades. No entanto por falta de verbas, ela não consegue aprovar projetos culturais. Há uma galeria de fotos, contando a história da cidade e o espaço foi reformado em 2012.

Especialmente na Semana do Museu, alguns estagiários do curso de Artes Visuais e de História da Unesc, participam da organização de eventos neste local. Todos anos mudam os estagiários e isso às vezes dificulta a continuidade do trabalho. A diretora atual deste centro me convidou para participar do Conselho Municipal de Cultura de Turvo, por ocasião desta pesquisa.

A Semana Nacional de Museus é uma temporada cultural coordenada pelo Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM – que acontece todo ano em comemoração ao Dia Internacional dos Museus – 18 de maio. Os objetivos do evento são: promover, divulgar e valorizar os museus brasileiros; aumentar o público

visitante e intensificar a relação dos museus com a sociedade.⁸

Abaixo colocamos o cartaz de divulgação da Semana, no presente ano – 2018.

Imagem 10 – Cartaz de divulgação Semana de Museus - fotografia do cartaz na porta do Centro Municipal de Cultura Antônio Bez Batti, de Turvo – SC.



Fonte: arquivo do pesquisador

O município de Turvo realiza algumas festas culturais e religiosas por causa dos colonizadores italianos católicos. As festas religiosas são da padroeira da cidade: dia 12 julho homenageia-se a Nossa Senhora da Oração e no dia 04 de maio, São Pelegrino, no bairro Cidade Alta. Tem também o Centro de Tradições Gaúchas (CTG) onde o rodeio crioulo acontece também no mês de maio. O CTG e o

⁸ Disponível em: (www.museus.gov.br).

Santuário Ecológico ficam na Rodovia SC 448, na via de acesso ao município de Meleiro.

A Secretaria Municipal de Cultura e Esportes promove essas festas para resgatar os costumes trazidos pelo imigrantes e outras para homenagear os agricultores: a Festa do Colono e a Festália.

As duas festas acontecem de dois em dois anos: num ano é a festa do Colono, no outro realiza-se a Festália, no Parque de Exposições Prefeito Ires Olivo.

Festa do Colono Desde a primeira edição da festa, uma das maiores atrações é o desfile das máquinas agrícolas, que são conduzidas pelos agricultores no trajeto da avenida municipal. Em 1979 foi criada uma modalidade para tornar a festa ainda mais atrativa, a Arrancada Catarinense de Tratores, onde os participantes competem quase que da mesma forma que uma corrida de automóveis.⁹

Atualmente foi criada uma Associação de Pilotos de Tratores de Turvo para administrar o evento, a APITTUR.¹⁰ A Festália acontecia no mês de agosto mas mudou de data e hoje é feita no mês de maio; tem o objetivo de ser uma festa cultural e gastronômica que viesse com o tempo resgatar todos os costumes e tradições dos nossos antepassados.¹¹

A Associação dos Descendentes de Italianos de Turvo (ADITÁLIA) é responsável pela organização da Festália em parceria com a Secretaria de Cultura e Esportes. Nesse ano a festa acontecerá nos dias 17 a 20 de maio e vai apresentar uma exposição fotográfica das famílias colonizadoras, competições típicas como ‘vinho em metro’ e a corrida de carriola. Desde ano 2016 a APITTUR organiza a corrida de tratores também na Festália, que antes era realizada somente durante a Festa do Colono.

O CTG Vale da Amizade foi o primeiro do Vale do Araranguá – inclusive se chamava CTG Amizade do Vale – depois de um tempo sem atividades, voltou em 1983 com sede localizada próxima do *Seminário Servos de Maria*, uma escola de formação de padres. Em frente a essa escola tem um área de terra dos padres onde criam gado leiteiro para próprio consumo e onde os seminaristas trabalham após o seu horário de estudo.

Atualmente essa área de terra também serve como ‘tratorógrano’ para a corrida de tratores. A escola – Servos de Maria – hoje abriga uma filial da escola

⁹ Disponível em: (www.turvo.org.sc).

¹⁰ Disponível em: (<http://www.apittur.com.br/apitur.phplgre>).

¹¹ Disponível em: (<http://festalia.com.br>).

SATC, que ocupa metade do prédio, mediante aluguel. Anos depois em 1986 o CTG se instalou na atual sede, na Rodovia SC 448, na via de acesso ao município de Meleiro. O parque de rodeios leva o nome Bernardo Schmitz.

Imagem 11 - CTG Vale da Amizade



Fonte: <http://turvo.sc.gov.br/turismo/>

Imagem 12 - O parque de rodeio Bernardo Schmitz



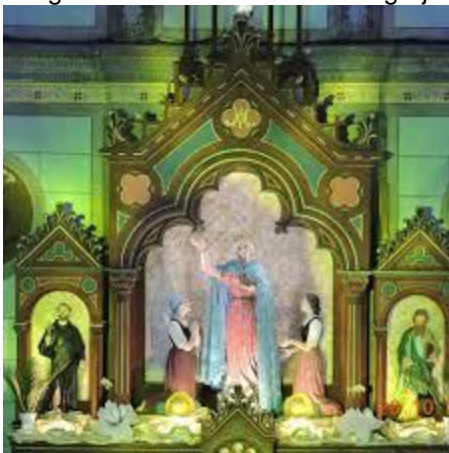
Imagem de jornal <http://www.voltagrandeonline.com.br>

Imagem 13 - Igreja Nossa Senhora da Oração – Turvo, no centro da cidade



Fonte: <http://turvo.sc.gov.br/turismo/>

Imagem 14: Detalhe interno da Igreja



Fonte: arquivo do pesquisador

Imagem 15: Detalhe interno da Igreja



Fonte: arquivo do pesquisador

Imagem 16: Parque de Exposições Prefeito Ires Olivo



Fonte: www.google.com.br

Esse parque fica na Avenida Municipal nº 2972, bairro Cidade Alta, e é o local onde acontece a Festália e a Festa do Colono.

Imagem 17- Centro de Eventos Prof Iria Angeloni Carlessi



Fonte: <https://www.facebook.com/centrodeeventosturvo/>

Nesse lugar é onde são realizadas as palestras, como um teatro da cidade; fica nos fundos do parque de exposição.

Imagem 18 – interior do Centro de Eventos Prof Iria Angeloni Carlessi



Fonte: <https://www.facebook.com/centrodeeventosturvo/>

3.1 MEU COTIDIANO E A ARTE

A minha produção artística começou por causa da minha deficiência visual e pelo fato de meu local de moradia ser o sítio. Esse espaço não está preparado para esse tipo de dificuldade, então sempre tive que enfrentar obstáculos como para me locomover de um lugar para outro, quando tenho que ir até o centro e dependo dos outros; assim também para ir à UNESC, necessitando do apoio do meu pai que me leva e traz.

Encontro dificuldade para conseguir emprego de carteira assinada: as pessoas ficam com medo por eu ter a baixa visão. Desde quando estudava na escola básica, encontrava dificuldade para apreender por que não tinha material

apropriado para o meu desenvolvimento, os professores tinham que criar maneiras para me ensinar. Uma dessas maneiras era escanear os livros e fazer prova com letra grande.

Depois que entrei na universidade vi melhorias nas possibilidades de aprender porque tinha ferramentas para ajudar no aprendizado. Por exemplo, a digitalização dos livros e o portal chamado AVA (Ambiente Virtual de Aprendizagem).

Tenho essa dificuldade visual por que tenho uma doença chamada histoplasmose ocular, que vem da transmissão pelas fezes do gato ou cachorro que carregam esse vírus. Acontece quando a planta suga as fezes numa horta e depois a pessoa se alimenta daquela planta; ou diretamente no corpo da pessoa em contato com animal estimação¹².

O vírus se manifesta mais na mulher que come o alimento plantado na horta de casa; a mulher só vai saber quando engravidar porque o vírus aborta a criança ou se vier a nascer, vai nascer com deficiência nas vistas ou no cérebro. No meu caso foi uma lesão no fundo dos olhos, semelhante a uma ferida branca.

Eu resolvi continuar estudando depois de terminar o ensino médio, porque na agricultura precisa usar bastante máquinas e a pessoa com deficiência visual não consegue pilotar essas máquinas. Aos poucos descobri que, com a arte posso fazer algo e comecei a me apropriar de objetos e elementos da natureza, que estavam e estão no sítio e ia interferindo, fazendo vários testes até chegar no resultado e observei que “o percurso da criação mostra-se como um emaranhado de ações que, em um olhar ao longo do tempo, deixam transparecer repetições significativas.”. (SALLES, 2014, p. 30).

A partir desses testes fui buscando a minha maneira de produzir arte: já fiz vários trabalhos na cerâmica, na pintura e na serigrafia, todos no processo de aprendizado do curso de Artes Visuais, da UNESC.

Nesse movimento meu objetivo foi e continua sendo o de me apropriar do espaço do sítio onde vivo, e com pedras, grãos, animais e frutas e interferir nesses elementos ao meu redor.

¹² Histoplasmose é uma infecção causada pela inalação de esporos de um fungo que é encontrado frequentemente em fezes de pássaros e de morcegos. Solo contaminado por fezes de pássaros ou morcegos também podem transmitir a histoplasmose, por isso, agricultores, paisagistas e outros profissionais que trabalham com a terra correm maior risco de contaminação. (<http://www.minhavidacom.br>)

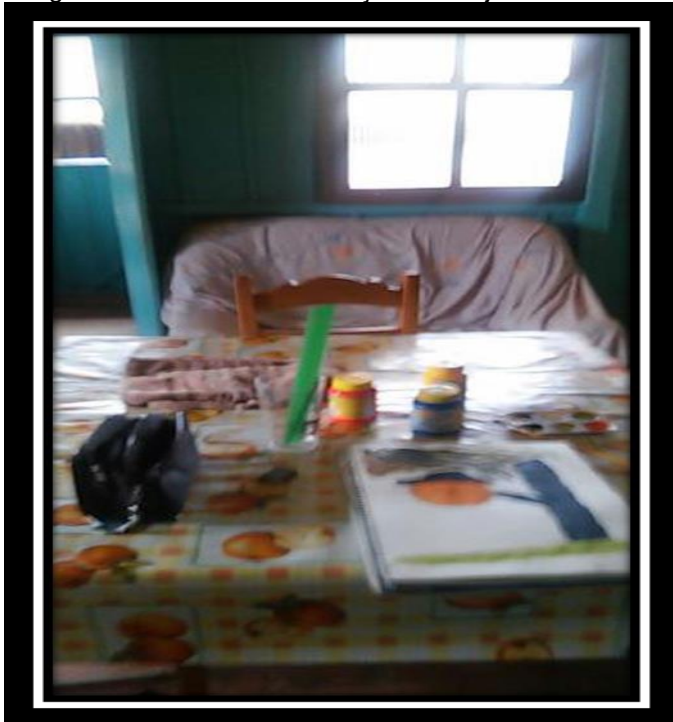
O artista é visto em seu ambiente de trabalho, em seu esforço de fazer visível aquilo que está por existir: um trabalho sensível e intelectual executado por um artesão. Um processo de representação que dá a conhecer uma nova realidade, com características que o artista vai lhe oferecendo. A arte está sendo abordada sob o ponto de vista do fazer, dentro de um contexto histórico, social e artístico. Um movimento feito de sensações, ações e pensamentos, sofrendo intervenções do consciente e do inconsciente. (SALLES, 2014, p. 34).

Já tive a oportunidade de expor os meus trabalhos em atividades propostas dentro das disciplinas como por exemplo, a exposição *5inloco*, na Sala Edi Balod. Antes disso, produzi um carrinho de rolo de jornal para expor no Museu da Infância da Unesc, para onde fiz a doação do objeto. Antes de entrar no curso de Artes Visuais Bacharelado nunca tinha produzido nada de arte. Agora vejo que:

A intenção do artista é pôr obras no mundo. Ele é, nessa perspectiva, portador de uma necessidade de conhecer algo, que não deixa de ser conhecimento de si mesmo, como veremos, cujo alcance está na consonância do coração com o intelecto. Desejo que nunca é completamente satisfeito e que, assim, se renova na criação de cada obra. (SALLES, 2014, p. 38).

Apresento abaixo, um de meus trabalhos e parte do seu processo, produção essa que realizei durante a elaboração do TCC, sem o objetivo de que fosse a obra a ser exposta como parte dele.

Imagem 19 - Processo de criação: Laranja mecânica surrealista



Tinta sobre papel canson

Fonte: arquivo do pesquisador

Imagem 20: Laranja mecânica surrealista



Fonte: arquivo do pesquisador

4 PAISAGEM: UM OLHAR PARA O COTIDIANO

O processo de criação dessa obra começa quando fui na casa do meu avô, em um sábado de manhã, no mês de abril desse ano em que estou fazendo a pesquisa. O sítio fica no interior do município de Jacinto Machado, na comunidade de Pinherinho do meio, que fica distante a 18 quilômetros da minha casa.

Naquela hora não tive a ideia de fazer nada. Mas na volta para casa, pelo caminho fui tendo uma ideia do que fazer para o TCC já que orientadora sugeriu que eu produzisse um novo trabalho, ao contrário de apresentar somente as produções que já tinha realizado durante o curso, no ano anterior. Chegando em casa, abri o meu projeto e fiquei horas olhando; arranquei uma folha de papel e comecei a riscar e lembro que amassei a folha e joguei no fogão a lenha.

Depois desse momento comecei a lembrar das coisas que vi na casa vô e passei a desenhar com ajuda de régua e lápis. O que eu ia lembrando, ia passando para o papel; mas se eu soubesse que esse seria o meu trabalho, teria tirado uma foto, e talvez ficasse melhor.

O trabalho criador mostra-se como um complexo percurso de transformações múltiplas por meio do qual algo passa a existir. De uma maneira ainda geral, pode ser visto como um movimento falível com tendências, sustentado pela lógica da incerteza. Um percurso que engloba a intervenção do acaso e abre espaço para o mecanismo de raciocínio responsável pela introdução de ideias novas (ver Posfácio). A própria ideia de criação implica em desenvolvimento, crescimento e vida, e, conseqüentemente, não há lugar para metas estabelecidas a priori e alcances mecânicos ou predeterminação de fins. (SALLES, 2014, p. 34-35).

Enquanto eu desenhava já ia pensando em coisas que eu poderia reaproveitar. Chamei a minha mãe para trocar mais ideias e logo comecei a pintar, iniciando pela cor verde, depois o azul do rio; o galpão onde se guardam as máquinas, o trator e por último, os traços e contornos. Finalizando com o céu e o sol vermelho. “O percurso de concretização da obra caminha para uma satisfação mesmo que transitória, como já discutimos. Pois há uma profunda verdade que ele procura expressar em sua obra, mas nunca o consegue integralmente.”. (SALLES, 2014, p. 41).

Imagem 21 – Paisagem (2018)



Fonte: arquivo do pesquisador

Achei interessante por que nos fundos do sítio do meu avô passa um rio. Já no lugar onde moro não tem e pensei como Meira (2007, p. 53) “Por que certos olhares nos impactam mais que outros?”. Em Jacinto Machado, quase todas as casas tem o privilégio de ter um rio que passa nas propriedades rurais. Deve ser por que fica próximo da Serra do estado vizinho, Rio Grande do Sul. Meus pais sempre moraram no interior, estão acostumados com a vida rural.

Quando olhamos para uma imagem, e seguimos os diversos detalhes, as linhas, as cores, as formas desdobrando-se em semelhanças ou contrastes, e notamos os ritmos de cada parte interligando-se com os grandes ritmos da composição, e percebemos em tudo uma coerência e íntima razão de ser – vivemos uma experiência estética. Uma experiência artística. Ela se dá no âmbito da sensibilidade. Além do profundo prazer, ela nos transmite um sentimento de certas verdades sobre o mundo e sobre nós. (OSTROWER, 1999, p. 217).

Com a produção concluída, era o momento de decidir sobre como seria sua exposição, já que o Trabalho de Conclusão de Curso faz essa exigência. Primeiro pensei em usar suportes para porta-retratos mas depois, já no local, com os colegas e a professora Daniele, resolvi colocá-la no chão. Fiz uma experiência em

minha casa, colocando sobre o gramado e com uma moldura de gravetos. Gostei e decidi expor dessa forma na Sala Edi Balod.

Enquanto pensava sobre a forma de expor o trabalho 'Paisagem' senti vontade de realizar outra produção, cujo resultado apresento na Imagem 17, que intitulei como 'Elementos da paisagem'. Nesse momento reconheci o que diz Meira (2007, p. 79):

Começando-se pela coleta de fragmentos do quintal, como areia, sucata, resíduos de vegetação, cacos, trabalhando com a diversidade de matérias formantes, chega-se a perceber o que diferencia cada elemento. Esses jogos servem como agente disparador de feitos e efeitos com diferentes processos, ferramentas e utensílios, experiências com a textura, a cor, a luz e a sombra naturais e artificialmente moduladas como elementos constitutivos do gesto, da forma e da imagem.

Imagem 22 – Elementos da paisagem (2018)



Fonte: arquivo do pesquisador

Esta colagem foi feita com restos de materiais encontrados no sítio: o pássaro foi feito com restos de revistas agrícolas; o fundo é de resto de cartolina e a moldura é de grãos de arroz. Nesta imagem eu queria retratar uma cena muito

comum que é a cena dos pássaros ciscando a terra para encontrar alimento depois que a terra é preparada para plantio.

Em toda prática criadora há fios condutores relacionados à produção de uma obra específica que, por sua vez, atam a obra daquele criador, como um todo. São princípios envoltos pela aura da singularidade do artista; estamos, portanto, no campo da unicidade de cada indivíduo. São gostos e crenças que regem o seu modo de ação: um projeto pessoal, singular e único. (SALLES, 2014, p. 44).

Para quem nunca antes pensou em ser um artista e achava que não teria condições de fazer um trabalho de arte, chego ao final desse estudo e do curso de Artes Visuais da Unesc com outras ideias: nem tudo o que se diz na rua, pela sociedade pode ser levado a sério, ou como definitivo. No meu caso, as pessoas diziam que eu nunca conseguiria ser um artista por causa da minha deficiência visual. Mas, a partir do meu cotidiano eu vi que teria condições, sim, de produzir meus trabalhos em arte.

5 CONCLUSÃO

Iniciei este trabalho de conclusão de curso com uma sensação de dificuldades ou desafios. O problema perguntava: o estudo da arte pode contribuir para a superação de algumas dificuldades da pessoa com deficiência visual? Essas dificuldades são especialmente em produzir trabalhos de arte visual sendo que tenho uma deficiência visual. Muitas vezes, as pessoas não acreditaram no meu potencial para esse tipo de produção. No entanto, quando conheci artistas como Basquiat, Vik Muniz, Fran Favero e Edi Balod, durante o curso de Artes Visuais – Bacharelado da Unesc, descobri que cada um tinha uma forma de expressar coisas do seu cotidiano, com diversos recursos e técnicas. Assim, me senti encorajado a produzir também, da minha forma, a partir do lugar em que vivo, o meu cotidiano.

Houve momentos em que cheguei a sentir raiva da cidade, das pessoas e da minha própria deficiência, da onde partiu a ideia das criações no curso. Na medida em que fui construindo a pesquisa, escrevendo e conhecendo vários modos de fazer arte, a raiva desapareceu da escrita e de mim também. Ao trazer a cidade de Turvo, Santa Catarina, para este trabalho, passei a valorizar mais o que ela já tem, com a consciência de que seu potencial pode e deve ser melhor explorado.

Concluindo posso dizer que minha produção para esta pesquisa, esteve carregada de lembranças, sentimentos e relações familiares: a ida para o sítio do avô com o meu pai, o apoio da minha mãe na hora da produção, os elementos do sítio, as recordações de infância, o rio. Tudo isso está agora registrado, ressignificado numa produção artística, por um momento, na Sala Edi Balod, e depois no meu acervo pessoal, na minha casa e quem sabe em algum espaço cultural da cidade de Turvo ou arredores.

REFERÊNCIAS

BRAGA, Eliane M. M.; BRAGA, Marcelo. **Vik Muniz**: um artista brasileiro no cenário artístico das artes contemporâneas, suas influências e aspectos importantes de sua obra. Contemporâneos Revista de Artes e Humanidades. LEPCON – Laboratório de Estudos e Pesquisas da Contemporaneidade. Vol 14. Maio – Outubro, 2016. Disponível em: www.revistacontemporaneos.com.br/n14/artigos/vikmuniz.pdf. Acessado em 13.03.2018.

MEIRA, Marly. **Filosofia da criação**: reflexões sobre o sentido do sensível. 2ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2007.

MOVIMENTOS ARTÍSTICOS CONTEMPORÂNEOS. Jean-Michel Basquiat. Disponível em: <https://tiagornunes.files.wordpress.com/2013/10/book-basquiat.pdf>. Acessado em 12.03.2018

OSTROWER, Fayga. **Acasos e criação artística**. 2.ed Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1999. 289 p. ISBN 85-7001-599-2

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado**: processo de criação artística. 6. ed. São Paulo: Annablume, 2014. 185 p. ISBN 9788564586079

SILVA, Aline Pacheco et al. **“Conte-me sua história”**: reflexões sobre o método de história de vida. Mosaico: estudos em psicologia. Vol 1. nº 1 Belo Horizonte: Faculdade De Filosofia e Ciências Humanas, UFMG, 2007, p. 25 – 35. Disponível em www.fafich.ufmg.br/mosaico